

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

F

Nº. de referência: *8 556*

Título: "O ALMOGO EM CASA DO MARCEHAL"

Título da Série: *MINITEATRO*

Autor (obra original): *TOURGUÉNIEV, JUAN*

Adaptador: *PAUL, ÉMA*

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: *24/9/1976*

Data de Emissão: *4/10/1976*

Nº. de Episódios: *1*

ACTORES	PERSONAGENS
<i>LUIS GERQUEIRA</i>	<i>NICOLAI IVANYTEH</i>
<i>LUIS ALBERTO</i>	<i>RÉZ PANDINE</i>
<i>MARIA JOSÉ</i>	<i>ANA KAPOUROU</i>
<i>HENRIQUE VIANA</i>	<i>JUIZ SOUSLOV</i>
<i>JOAQUIM ROSA</i>	<i>ALOUPKINE</i>
<i>VICENTE GALFO</i>	<i>MIRVOLINE</i>
<i>PEDRO PINHEIRO</i>	<i>COMISSÁRIO RURAL E KARPOUCHA</i>
<i>JOSÉ RAYMOND</i>	<i>GUERASSIME - CRIADO</i>
<i>GILBERTO GONÇALVES</i>	<i>KARPOUCHKA</i>

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

10/10 (V.S.F.F.)

Notas:

-DIREC. ARTÍSTICO - MÁRIO JACQUES

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

RUÍDO DE QUEM PÕE A MESA. PASSOS QUE VÃO E VÊM. RUÍDO DE CHARRETE QUE SE APROXIMA E PÁRA. RUÍDO SÓ DE TALHERES, DURANTE ALGUNS SEGUNDOS

I - (LONGE)- Parou uma charrette, Guerassine. São os convidados para o almoço que chegam?

G - Não, Marechal Nicolai Ivanytck. É apenas o Mirvoline . (PAUSA)

MIRVOLINE - Bom dia, Guerassime

G - Bom-dia, Mirvoline.

M - Como vai essa saúde?... O teu patrão ainda não se levantou?

G - Ouvi dizer que o senhor comprou um cavalo?...

M - Comprei, comprei; e foi uma boa compra. Ainda ontem me ofereceram por ele mais dusetos molos se o quizesse vender.

G - E não lho vendeu?

M - Para quê? Pois se eu preciso dele! Anda, dá-me qualquer coisa para beber, tenho a garganta tão seca que parece cortiça. Deve ser do calor. -(PASSOS. RUÍDO DE LÍQUIDO A CORRER)- Hum!... Nada mais estes hors-d'oeuvre!... Tu pões faca e garfo para o almoço?

G - A esta hora não pode ser para o jantar.

M - Ena! Esperas muito gente?

G - Como vê.

M - Quem são eles?

G - Não sei. Parece que hoje vão tentar reconciliar Bézpandine e a irmã, a viúva Ana Kaowrow. O Marechal é de parecer que com a barriga cheia os ânimos são mais brandos.

M - Muito bem!... Já não era sem tempo. Há um rôr de anos que eles não se falam!... Diz-se para aí que o marechal Nicolai Ivanytch vai comprar o bosque ao Bézpandine, se o caso das partilhas se resolver, e o irmão da Ana ficar com o lote que inclui o bosque .

G - É possível.

M - Preciso de sabê-lo.

IVANYTCH - (LONGE)- Guerassime!... Os convidados ainda não chegaram?

M - Depressa, me**z** bom Guerassime, enche-me mais um copo, enquanto o teu amo Ivanytch não entra aqui.

G - Ainda não molhou bem a garganta?

M - Não, meu velho. Pelo menos, ela continua seca. -(RUÍDO DE LÍQUIDO A SER BEBIDO DUM TRAGO. LIGEIRO GARGAREJO. PASSOS QUE SE AFASTAM)

G - (AFASTANDO-SE)- Peço-lhe que não despeje a garrafa enquanto eu vou lá dentro buscar o resto das travessas.

I - (PASSOS)- Não te esqueças de pôr tudo isso em ordem, estás a ouvir?...
(FECHAR DE PORTA)- Olá, Mirvoline! Bom-dia!

M - Apresento-lhe os meus cumprimentos, Nicolai Ivanytch

I - E tu, com**o** vai isso?

M - Graças a Deus cá me vou aguentando, Nicolai Ivanytch. E o Marechal a sua saúde?

I - Menos mal. Foste à cidade?

M - Fui. Não há nada de novo. Ante-ontem, Seliiodkine, o negociante de peles, teve um ataque de apoplexia. Não foi nada que não esperássemos. Ah! Ouve dizer que ele na véspera de sofrer o ataque, tinha dado uma "tareia" na mulher... Só para a ensinar a saber respeitá-lo como Seliiodkine gosta.

I - (RI)- É infatigável, esse patife! Exercícios manuais, apoplexias...
Não se pode dizer que se aborrece durante as 24 horas do dia!

M.- Vi o doutor Jouravliev. Pediu-me para lhe dar cumprimentos... Encontrei o velho marechal, já na sua nova carruagem. Devia ir fazer alguma visita importante. Levava o criado de quarto com ele e acabava de estrear um chapéu novo.

I - Deve cá vir hoje a minha casa. Mas diz-me: a sua nova carruagem que tal é?... É bonita?

M - Bem... sim... e não... Não, francamente, não acho. À primeira vista não nos parece mal. Depois, quando a observamos melhor não nos agrada tanto... Não se pode compará-la com a sua elegante carruagem, por exemplo. Essa, sim é dum requinte... duma perfeição!...

I - Achas que sim?... É estofada por dentro?

M - Claro. Mas que tem isso?... Os estofos só servem para deslumbrar as pessoas, para as cegar. E disso é que ele gosta, de alardear o seu luxo. Parece que tenciona apresentar-se mais uma vez como candidato às eleições.

I - Para ser eleito marechal?

M - Sim. Oh! Ele bem pode tentar a sua sorte, nunca arrisca mais do que um fato novo.

I - Acredita sinceramente?... Sejam justos. O Dr. Jouravliev é um cavalheiro muito respeitável. Tem muitas qualidades. Mas, por outro lado, para ser eleito marechal da nobreza, para a representar, defender os seus interesses, merecer a sua confiança... Tu não queres beber um copo de Vodka?

M - Obrigado, agradeço-lhe de todo o meu coração...

I - Não me digas que já bebeste?...

M - Não, não. Não é por já ter bebido, acredite, é que sinto uma impressão aqui, no peito... Olhe, quer ver?... (TOSSE)

I - (RI) - Não me faças rir!... Anda lá, bebe! -(RUÍDO DE LÍQUIDO)

M - À sua saúde! (BEBE)- Ah!... -(PAUSA)- Há uma coisa que o Nicolai Ivanytch ignora ainda!... O dr. Jouravliev não se chama Jouravliev, mas sim Jouravliov.

I - Porque dizes isso, Mirvoline?

M - É uma questão de raciocínio. Senão, vejamos! foi Jouravliov que nós chamámos ao pai e a toda a sua família. Nunca houve um Jouravliev

na casa deles; que súbita fantasia foi, portanto esta do dr. Jouravliev se chamar jouravliev?

I - Ah! É curioso! De resto, o nome não tem grande importância, a honestidade é que conta.

M - Tem sempre razão, de facto a honestidade é que conta. (PAUSA) Vem aí alguém.

I - E eu ainda de roupão!... O culpado és tu, que me entreténs com a conversa.

G = (ENTRANDO)- Está lá fora um tal sr. Aloupkine, que se intitula a si próprio de "gentil-homem" e lhe deseja falar.

I - Aloupkine?... Não sei quem possa ser!... Manda-o entrar, Guerasime. Mirvoline, não te importas de o entreter enquanto eu me vou arranjar?... Eu não me demoro nada. -(SAI. PAUSA. PASSOS QUE SE APROXIMAM. FECHAR DE PORTA)

M - Não deseja sentar-se? Nicolai Ivanytch não se demora, pediu-me para lhe fazer companhia, na sua ausência.

A - Muito obrigado, senhor, mas prefiro ficar em pé! Posso saber a quem tenho a honra?...

M - Mirvoline, proprietário. Sou natural desta terra. Talvez já tenha ouvido falar em mim?...

A - Não senhor, nunca. Muito prazer em o conhecer. Por acaso não será da família da senhora Baldachov?

M - Não senhor. Quem é essa senhora Baldachov?

A - Uma proprietária da região de Tambov. É viúva.

M - Ah! De Tambov!?

A - Sim, uma viúva de Tambov. E também não conhece o comissário rural?

M - O nosso?

A - Sim, o vosso.

M - Claro que conheço!... É o Porfiri Velvistski, um velho amigo!...

A - Um velho imbecil, é o que ele é! O mais perfeito palerma que já veio a este mundo! Perdoe-me a franqueza, sou militar. Tenho o hábito de dizer o que penso, sem rebuço. É preciso que saiba...

M - Não deseja tomar nada?... Como vem de tão longe, deve sentir-se cansado.

A - Não, muito obrigado. O que eu lhe ia dizer é que fixei residência aqui na região. Até agora vivi em Tambov, mas a minha pobre mulher morreu e eu herdei dela cinquenta e duas almas no vosso distrito...

M - Onde, se não sou indiscreto?

A - Na aldeia de Trioukhino, a cinco quilómetros da estrada nacional.

M - Ah! Já sei!... É uma boa propriedade, apesar de pequena.

A - É horrível, bem sei. Só tem areia... mas como a minha pobre mulher morreu e me deixou, como herança, eu resolvi vir instalar-me aqui. A minha casa de Tambov, que estava em ruínas acabou por se desmantelar; portanto, era forçoso mudar de residência. Ora fique sabendo que o "seu" comissário rural, encontrou logo maneira de me ser desagradável e do modo mais humilhante!

M - Não é possível!...

A - Oiça, oiça: se fosse só eu o atingido, pouco se me dava, mas tenho uma filha, a minha Catarina. Acredite que só o bem estar dela conta para mim. Felizmente, tenho confiança no Nicolai Ivanytch. Só tive o prazer de o ver duas vezes mas tenho ouvido gabar muito o seu espírito de justiça.

M - Ah! Ele aí vem...

I - (ENTRANDO)- Como está?... Muito prazer... Faça o favor de se sentar... Mas eu creio que já fomos apresentados em casa do venerável Afanassi Matveitch.

A - Justamente.

I - Ouvi dizer que tinha passado a ser dos nossos... Quero dizer que se instalou recentemente no nosso distrito.

A - É verdade.

I - Havemos de fazer com que se não arrependa. (PAUSA)- Que calor está hoje!...

A - Nicolai Ivanytch, eu sou um velho soldado, portanto, com a sua licença, vou entrar sem mais preâmbulo no assunto que aqui me trouxe.

I - Fale à sua vontade, peço-lhe. Que se passa?

A - Nicolai Ivanytch, o senhor é o nosso marechal, é como se fosse nosso segundo pai. Eu também sou pai. O vosso comissário rural é o último dos patifes!

I - Que diz?... O senhor tem uma maneira de falar demasiado... enérgica.

A - Peço-lhe que me oiça, se faz favor. Parece que um dos meus camponeses roubou um bode ao seu vizinho Filipe. O que é que o meu camponês pode fazer com um bode?... ah?... Diga-me!... E porque havia de ser o meu criado a roubar esse bode e não outro?... Onde está a prova? Mas admitamos, admitamos que o culpado é esse meu criado; O que tenho eu com isso? Acaso sou eu o responsável? Sou eu que devo sofrer as consequências do seu roubo? Devo responder por todos os bodes do país?... O comissário pode ser grosseiro comigo impunemente?... Que me resta sofrer mais?... Ele pode-lhe dizer que o bode foi encontrado no meu pátio... e depois? Que vá para o diabo, mais o seu bode! De resto, a questão não está no bode, está na falta de educação com que ele me tratou.

I - Desculpe... creio que não compreendi muito bem... O senhor disse não é verdade, que o seu camponês tinha roubado um bode?

A - Perdão! Perdão! eu nunca disse semelhante coisa! Foi o comissário rural quem o disse e não eu! Eu é que fui ofendido. A minha honra está em jogo. O comissário ousou dizer-me e da maneira mais insolente "Voltará a ter notícias minhas!..." O senhor marechal tem de me fa-

zer justiça

G - (ENTRANDO)- Chegou o juiz Sosslov.

I - Meu caro senhor. Aloupkine não se esqueça de me expor as suas razões de queixa mais tarde, mas hoje, como vê pela mesa posta...estou à espera de vários convidados para o almoço. Acredite que estou à sua inteira disposição para tudo, mas noutra altura... noutra altura... (PASSOS)- Entre, entre, meu caro juiz Sosslov. Bom-dia

S - Bom-dia! Ah! Magnífico!... É o que se chama uma bela mesa recheada de iguarias!...

I - Já se conhecem?...

A - Não tenho essa honra...

I - Permita-me que os apresente. É o nosso juiz, um homem de grande coração, o que se diz: uma grande alma, uma personalidade que há-de admirar...

S - Excelentes, estes hors-d'oeuvre... (BOCA CHEIA).

I - Sosslov?

S - O quê?

I - Gostaria que conhecesse um novo proprietário do nosso distrito.

S - (COM A BOCA CHEIA)- Tenho muito prazer... E os outros convidados? Tem a certeza de que eles vêm? O caviar não me parece suficientemente gelado....

I - Claro que sim. Até me admira que ainda não tenham chegado. Eles deviam chegar antes do juiz.

S - E o Marechal acredita sinceramente que os consiga reconciliar?... Mirovline, encha-me um copo de Vodka... -(RUÍDO DE LÍQUIDO)

I - Tenho essa esperança. É uma vez que está aqui, Sr. Aloupkine, talvez nos possa ser útil num assunto muito importante e que interessa a toda a nobreza da região.

A - Estou ao seu dispor.

I - Vive aqui um proprietário chamado Bézpandine, um homem digno, embora um pouco excêntrico. Este Bézpandine tem uma irmã, a viúva Ana Kaourov, que é verdadeiramente louca e teimosa até não poder mais... De resto, irá julgar por si próprio.

M - A mãe ainda era pior. Dizem que deixou cair, uma vez, um tijolo em cima da cabeça da filha e é por isso que ela é assim...

I - Entre este Bézpandine e a irmã, a viúva Ana Kaourov, há um litígio por causa de uma herança que já vai em 3 anos. Uma tia deles deixou-lhes uma propriedade. Tem sido o diabo para chegarem a um acordo. A irmã, sobretudo não quer ouvir dizer nada que se pareça com as palavras: "Dar" ou "ceder". O caso foi levado a tribunal. Isto pode acabar de modo a que fiquem ambos deserdados, por o tribunal absorver tudo em contribuições, honorários, etc. Assim, eu resolvi extirpar o mal pela raiz e chamar ambos à razão... Convoquei-os hoje, pela última vez, para virem a minha casa. Depois, lavo daí as minhas mãos; seja o que Deus quizer. Os tribunais que se pronunciem. Pedi ao respeitável juiz Souslov o favor de assistir a esta tentativa de reconciliação. Aceita juntar-se a nós?... A si, ao menos não o podem acusar de parcialidade.

A - Seja. Conte comigo, marechal Nicolai Ivanytch?

ABRIR DE PORTA. PASSOS

I - Seja bem-vinda, Ana Kaourov.

ANA - O meu irmão ainda não chegou, Marechal?

I - Não, mas não deve tardar... Não deseja tomar qualquer coisa? Uma chávena de chá?

ANA - Não, não. Muito obrigada. Desculpem-me a demora. Aliás devo dar muitas Graças a Deus por ter chegado sã e salva. O meu cocheiro deixou virar a carruagem.

I - Será possível?... Mas a estrada é boa!...

ANA - A culpa não foi da estrada, Nicolai Ivanytch. Ah! Não! A estrada não é para aqui chamada! Como vêy Nicolai, eu cumpri o combinado, estou à espera, mas tenho a certeza de que fiz esta viagem em vão. Eu é que conheço bem o meu irmão!... Deus sabe como o conheço até demais!...

I - Já iremos ver isso, Ana Kaourov, eu sou menos pessimista do que a senhora. Guardo uma secreta esperança de levar a bom termo este assunto.

ANA - Deus o oiça! Deus o oiça! O Marechal já sabe que eu por mim concordo com tudo. Sou duma natureza dócil! Estou sempre d'acordo. De resto, como é qge eu poderia ser á outra maneira?... Sou viúva, sem ninguém que me defenda. O senhor é o meu único recurso. Quanto ao meu irmão, o caso é bem claro: deseja a minha morte. Que é que eu posso fazer? Deus o ajude e lhe perdoe com toda a sua infinita misericórdia!... Mas, que ao menos não sacrifique os meus filhos. Já que precisa de uma vítima, aqui me tem, mas que se contente com uma única vítima. Nos pequenos não consinto que lhes toquem.

I - Então, Ana Kaourov, que é isso?... Deixe-me apresentar-lhe o novo proprietário do nosso distrito: o senhor Aloupkine.

ANA - Encantada, senhor.

I - Se não se importa, ele tomará parte no nosso pequeno conselho de família...

ANA - Claro que não me importo, eu estou por tudo. Até pode convocar todo o distrito, todo o governo, basta-me a minha consciência. Eu sei que todos os senhores tomaram a minha defesa, que não irão permitir que eu seja lesada. Juiz Louslov, como tem passado de saúde?

S - Muito bem. Porque não havia de passar bem? De qualquer forma, obrigado.

M - Os seus filhos estão bons, Ana Knourov?

ANA - Graças a Deus, ainda estão vivos! Meus queridos meninos! Mas sei lá por quanto tempo!... Talvez em breve sejam orfãos!...

S - Ana, está a dizer coisas sem sentido. Por sua vontade enterrava-nos a todos, minha cara senhora.

ANA - O que é que não tem sentido, meu caro juiz?... Para uma mulher como eu renunciar ao silêncio, é porque tem fortes razões para romper esse silêncio. O que eu disse, repito-o, sr juiz, quer lhe agrade ou não. Acaso tenho o hábito de falar sem provas?

S - E quais são essas provas?

ANA - Já vai ver... Nicolai Ivanytch mande chamar o meu cocheiro, se faz favor.

I - Quem?

ANA - O cocheiro, o meu cocheiro Karpouchka. Chama-se Karpouchka. Já que exigem provas, vão tê-las. Peço-lhe, mande-o chamar.

I - Bom, vai buscá-lo, Mirvolino.

M - É para já. -((SAI))

ANA - Negaram-se sempre a acreditar no que eu digo, não é a primeira vez que o verifico. Deus tenha misericórdia de vós!

A - De qualquer forma, desculpe, mas eu não percebo porque mandou chamar o seu cocheiro. O que é que um cocheiro tem a ver com isto também não compreendo, e faço-lhe notar, que é esta a primeira vez que a oiço.

ANA - Já vai ver.

A - Está bem, mas não percebo nada.

M - (ENTRANDO) - Aqui está o cocheiro...

ANA - Escuta, Karpouchka... Olha bem para mim... Diz a estes senhores quantas vezes é que o meu irmão te quiz corromper?... Entendes o

que eu quero dizer? (PAUSA)

S - Então, rapaz, não respondes? Fala. O irmão da tua senhora quiz corromper-te?

K - Corromper-me como?

S - Eu sei lá! Quem o disse foi a Ana Kaourov!

ANA - Escuta, Karpouchka, olha bem para mim!... Lembrast-e não é verdade, quando fizeste tombar a carruagem, hoje?... Lembrast-te?

K - Quando foi isso, senhora?

ANA - Quando foi? És um estúpido! Foi ao voltar da esquina, precisamente antes de chegar ao chafariz. Quase se soltou uma roda da carruagem

K - Sim, senhora.

ANA - Recordas-te do que eu te disse?... Disse-te: "Foste corrompido pelo meu irmão, para me matar!" E as palavras do meu irmão, foram: "Karpouchka, meu querido amigo, faz com que a tua patroa não regressasse deste passeio e garanto-te que te ficarei eternamente agradecido" Lembras-te do que me respondeste?... Tu respondeste-me "Peço-lhe mil perdões, senhora, a culpa foi só minha".

S - Perdão, perdão, Ana Kaourov, não misture o que disse, com o que o seu irmão lhe teria dito, e o seu cocheiro lhe respondeu ao que disse? Pedir perdão, dizendo que a culpa foi dele, não constitui uma prova. De todo o seu discurso, o que é que ele teria percebido? Que se deixou, efectivamente corromper? Que o seu irmão a queria suprimir? É o que resta saber. O que é que tu percebeste?, anh?... Fala.

K - O que é que eu percebi?

ANA - Escuta, Karpouchka. Diz-lhes que o meu irmão te quiz corromper. Eu sei que te recusaste. Mas diz-lhes que o que eu digo é verdade.

K - É como a senhora diz.

ANA - Ah! Estão a ouvir?

S - Não, não! Dá-me licença?... A mim, responde-me a mim, meu amigo:
e presta atenção... responde-me com toda a clareza...

ANA - Não admito que me tratem deste modo! O seu procedimento é inqualificável! O que o juiz Souslov quer é intimidar o meu cocheiro, mas eu não consinto! Vai-te embora, Karpouchka, anda, vai-te embora, vai dormir uma soneca. Tu já estás a dormir em pé.

K - Sim, senhora. (SAI)

ANA - Eu já esperava não me entender com os senhores. Oh! Meu Deus! que mal fiz eu?...

S - Nenhum, a não ser querer deitar-nos poeira nos olhos.

I - Bem, bem, ponhamos este assunto de lado. Precisam de se acalmar.

Já iremos examinar tudo isto.

M - Acaba de chegar o senhor Bézpandine.

I --Até que enfim! Ele que entre, Mirvoline. -(PAUSA. PASSOS QUE CHEGAM)

Ah! Bom-dia!... Então?... O meu amigo fez-se esperar!...

B - Não sabe o que me aconteceu?... Ah! Bom-dia Ana, como está irmã?...

Pois, roubaram a sela do meu cavalo! Onde a procurar? Não podia fazer nada! Tive de ir tirar a sela ao cavalo do meu criado: Mirvoline,

encha-me aí um copo! (RUÍDO DE LÍQUIDO A CORRER)- Pois, meus senhores, digo-lhes que tenho andado a cavalo de muitas maneiras...

Obrigado. -(BEBE DE UM GOLO)- Ah!... Mas com esta sela é um horror!...

Uma sela de cocheiro!... Foi-me absolutamente impossível andar a trote!

I - Dá-me licença, Bézpandine?... Deixe-me apresentar-lhe o senhor Aloupkine, nosso novo vizinho.

B - Muito prazer... É amador?

A - Amador? De quê? Que quer dizer com isso?

B - De quê? Mas da caça evidentemente, de cães...

A - Detesto Cães e só sei atirar aos pássaros que estão no chão.

I - Desculpem-me interrompê-los, mas não-de ter, concerteza muitas ocasiões de falar de cães e pássaros. É tempo de falarmos, sem mais demoras do assunto que nos reuniu aqui. Que acham?

S - Por mim concordo .

I - Bem, nesse caso, sentem-se, se fazem favor. (ARRASTAR DE CADEIRAS)

B - Nicolai Ivanytch, tenho por si uma profunda consideração, e só por isso é que acedi vir hoje a sua casa. Porque em relação ao problema que aqui me trouxe, deixe-me dizer-lhe já;ninguém espere que a minha "querida" irmã chegue a alguma espécie de acordo...

ANA - Está a ouvi-lo, Nicolai?... Eu já o tinha prevenido!

I - Por favor, Bézpandine!... Por favor, Ana!... Não comecem já. Ao menos, ouçam-me! Se pedi aos dois para virem aqui, foi por conservar a esperança de os reconciliar. Poupem-me ao doloroso espectáculo que nos dão as vossas zangas!... Nem parece que nasceram da mesma mãe!...

B - Perdão, Marechal!..

A - Não o interrompa, senhor Bézpandine, peço-lhe.

B - Quem se julga o senhor para me dar ordens?...

A - Não lhe dou ordens, mas como convidado do senhor Marechal Nicolai Ivanytch...

I - Pronto, pronto!... Ana, porque é que dois irmãos como vocês, não podem viver em paz?... Bézpandine, Ana, eu faço um apêlo à vossa razão. É para vosso bem que eu falo assim... Pensem: Qual é o proveito que eu posso tirar da vossa reconciliação?... Anh?... Nenhum. Só desejo evitar-lhes dissabores e mais nada.

B - O Nicolai não sabe que espécie de mulher é a minha irmã?... É surda a tudo que não alimente a sua ambição! Deus deu-me por irmã para que eu ganhasse o céu!

ANA - Ouvem-no?... Ouvem-no? E o senhor que anda a corromper o meu co-

cheiro, que tenta envenenar-me através dos meus criados, que deseja tanto a minha morte que não me dá um segundo de tranquilidade em vida?... Porque pensa que Deus me deu um irmão assim?...

B - Eu corrompi o seu cocheiro, esse alarve do Karpouchka?... Que é que quer dizer com isso?

ANA - Quero dizer que Karpouchka está pronto a testemunhar o que eu lhe disse. Estes senhores sabem ao que me refiro.

B - Que nova idiotice terá a senhora inventado?

A - Perdão, minha senhora, mas uma vez que invoca o nosso testemunho, eu por minha parte, devo dizer-lhe que não percebi nada da história do seu cocheiro. De resto, achei-lhe umas certas semelhanças com a do meu bode...

ANA - O seu bode? Qual bode? Ousa comparar o meu Karpouchka, com o seu bode?... Tenha cuidado com a língua, olhe que eu...

I - Pelo amor de Deus! Basta!... Ana Kaourov! Bázpandine! Aloupkine! Basta!... Porque têm tanto empenho em se injuriar uns aos outros?... Porque não fazem as pazes?... Abracem-se!... Então?... Não querem?..

B - O quê?... Ah! Era para isso?... Se eu tivesse adivinhado não punha cá os pés!

ANA - Nem eu!

S - Vejamos, Nicolai Ivanytch, dessa maneira nunca resolverá nada. Porque é que nos convocou? Para tratar de um assunto de partilhas, causa de discórdia, não é verdade? Pois enquanto não arrumar isso, nem você, nem eu, nem ninguém, conseguirá nada e, em vez de ficarmos nas nossas casas, bem quentinhas, em frente duma bela lareira, seremos obrigados a andar por essas estradas fora a tremer o queimo com frio, como hoje. Pois então, que diabo, vamos a essas partilhas! Esforçamo-nos já que a sua intenção é essa, por lhes metermos juízo na cabeça! Onde estão as papeladas?

I - Mirvoline, pede ao Velvistki o dossier que eu lhe recomendei...

B - Eu por mim estou de acordo com tudo. Farei o que ó meu caro Nicolai decidir.

ANA - Eu também.

S - Isso é o que vamos ver.

A - Pelo menos, Bem intencionados são eles.

M - (DA PORTA)- Pronto, Marechal...

I - Aproxima aquela mesa e põe o dossier em cima dela... (PAUSA. RUÍDO de PAPEIS)- Ora... aqui têm... "A aldeia Kokouchkino conta, segundo o último recenseamento, cêrca de 814 indivíduos do sexo masculino... 712 hectares de terraç culturas de cânhamo 81 hectares; terrenos baldios e planícies, 9 hectares... etc, etc, ..." É problema que se nos põe consiste em dividir igualmente esta propriedade entre Bézpandine e a sua irmã, viúva de um oficial do exêrcito. O testamento em causa, foi feito pela falecida tia destes senhores, e mandou que a partilha fosse igual para ambos os sobrinhos.

B - A minha tia já não regulava muito bem da cabeça quando mandou fazer esse testamento! Se ela me tivesse dado ouvidos, evitavam-se todos estes aborrecimentos!... Mas onde é que já se viu uma mulher ser justa e sensata?.... E depois, a minha irmã andava lá sempre de roda a esfregar-lhe a cara com pomadas, a eriçar-lhe os cabelos com papéis e laçarotes...

ANA - É mentira!?

B - Mentira? Também era mentira andar sempre com o seu "querido" "Lulu" ao colo?... E a perfumá-lo?

ANA - É falso!... Nunca "desci" a perfumar um cão! Eu tenho cara de perfumar um cão?... Isso era o que você era capaz de fazer apaixonado pelos cães como é! Até dizem que o seu cão dorme consigo na cama!

I - Silêncio!... Tenham termos, senhores!... Prosseguindo: há mais de três anos que a vossa tia morreu e ainda estamos longe de chegar a uma resolução. Acabei por aceitar este papel de medianeiro entre os dois, porque isto faz parte do meu dever. Mas continuamos como até aqui. O principal obstáculo, encontra-se, evidentemente, no facto de Bézpandine e a sua irmã não habitarem na mesma casa.

B - Pois bem: Para o diabo a casa da minha tia. Renuncio a ela!

ANA - Não acredite, Nicolai Ivanytch, é uma cilada! Ele espera desse modo ficar com os terrenos melhores e deixar as arenosas para mim! E depois... a casa da minha tia está tão arruinada...

B - Uma vez que está arruinada, eu...

ANA - Não! Não dou as culturas de cânhamo, nem os terrenos baldios! Nunca!... Tenham piedade, meus senhores! Sou uma pobre viúva, com filhos... Que seria de mim sem essas terras, são capazes de me dizer?...

I - Aqui tem a minha proposta: Vamos todos dividir a propriedade em dois lotes. O primeiro lote compreenderá a casa e respectivas dependências, e acrescentamos mais um pouco de terreno do segundo lote para o compensar. E depois, os dois interessados escolhem.

B - Por mim, acho bem, Marechal.

ANA - Pois eu, não.

I - Porque é que a Ana Kaorov não concorda?

ANA - Quem é o primeiro a escolher?

I - Vamos tirar à sorte.

ANA - Deus me defenda! Deus me livre! Julgam que eu sou assim tão parva?... Nunca!

B - Bem, nesse caso é a senhora a primeira a escolher.

ANA - Não. Nem nessas condições eu concordo.

A - E porquê?

ANA - Porque me podia enganar,,,

I- Não há engano possível, Ana. Os lotes são iguais, e se um deles lhe parecer superior ao outro, o seu irmão Bézpandine dá-lhe a primasia.

ANA - E quem me garante qual é o melhor lote?... Não, Nicolai Ivanytch, é preferível ser você a decidir. Aquele que me atribuir será o meu. Afirmando-lhe que me darei por satisfeita com a sua resolução

I - Bem... seja! Nesse caso, a casa com as comunas e a reserva pertencem à senhora ANA Karouov

B - E o jardim também?

ANA - Naturalmente, o jardim também. Ou pretenderá separar a casa do jardim? De resto, esse jardim é uma miséria com as suas cinco ou seis macieiras!... E as maçãs são tão azedas, tão azedas, que ninguém as pode comer! E para lhes ser franca, a reserva também não vale mais!

B - Nesse caso, justuos céus! Dê-ma e fique com o outro lote!

I - Ouçam o resto! o que não fica com a reserva receberá com o lote mais importante de terrenos baldios, quer dizer que beneficiará de 24 jeiras. Velvitski, desdobra o mapa... (RUÍDO DE PAPEL)- Aqui tem o primeiro lote de baldios, e, além, o segundo. O proprietário do primeiro lote, compromete-se a instalar, à sua custa, duas famílias de camponeses para as terras do segundo lote e a partilhar a água com o irmão, assim transferidos, terão o direito durante dois anos ao usufruto das culturas de cânhamo...."

ANA - Perdão, perdão!... Eu nem transfiro camponeses, nem cedo as culturas de cânhamo.

I - Um momento, por favor...

ANA - Por nada deste mundo, Nicolai Ivanytch! Por nada deste mundo! Só se elouquecesse! Até me falta o ar só de pensar nisso! Ceder as

culturas de cânhamo por dois anos? Partilhar a água?... Não, Não!
 Se tem de ser assim, é melhor eu renunciar à casa! Acabou-se,
 Nicolai, é preferível não se intrometer mais neste assunto!
 Devo tê-lo ofendido, sem querer, com certeza para me dar...

I - (GRITA)- Basta!... Basta!... Está calada ou não, Ana Kaourov ?
 você só sabe falar dos prejuízos que tem com a transferência dos
 camponeses, dos campos de culturas, mas esquece que o seu irmão
 dá 24 jeiras do seu lote para o seu?...

ANA - (FALANDO QUASE AO MESMO TEMPO QUE ELE)- Vejamos, Nicolai Ivanytch
 como é que pode dizer isso? Eu serei uma idiota, mas não darei
 nunca as culturas de cânhamo. Devia ser mais consciencioso para
 com uma pobre viúva que não tem um marido para a defender. Os
 meus filhos são menores. Ao menos tenha piedade deles!

I - Isto é demais, palavra de honra! Passa das marcas!...

B - Então acha que o meu lote vale mais do que o seu?

ANA - Vinte e quatro jeiras.

A - Não foi isso que lhe perguntaram, senhora. Diga se é melhor. Se
 é melhor, ouviu?...

ANA - Nicolai Ivanytch, porque deixa estes homens atacarem-me? Que
 maneiras são estas? De onde saíu este exemplar?... Se eu nunca
 o vi mais gordo, nem mais magro, porque é que este demónio se
 encarniça contra mim?... Olhem para ele: parece um galo velho
 a fazer equilíbrios num pé só!

A - Minha senhora, tenha cuidado com a língua!... Estou a fazer um
 grande esforço, para não me esquecer de que é uma senhora. Pelo
 menos, é o que eu suponho. Mas um militar reformado como eu, tem
 o direito...

I - Calma, calma!...

B - Eu insisto em que me responda, Ana; acha o meu lote melhor do que
 o seu?

ANA - Evidentemente.

B - Bom... troquemos os lotes. (PAUSA).

I - Então, que responde?

ANA - O que vou eu fazer sem a casa? De que me serviria nesse caso a propriedade?

I - Então, Ana Kaourov, seja razoável. Siga o exemplo do seu irmão. O comportamento do Bézpandine hoje, é simplesmente admirável. Bem vê que ele está ansioso por chegar a um acordo. A Ana só tem que nos dizer, qual é o lote que prefere.

ANA - Já disse que não quero escolher. Decida o Marechal por mim.

I - Eu decido e depois você discorda com tudo! Não é possível! Fique sabendo que eu estou quase a perder a boa vontade de que vinha armado. Se hoje não chegarmos a nenhuma conclusão, renuncio a fazer o papel de árbitro. O tribunal que se encarregue das partilhas.
(PAUSA)- Ao menos, diga-nos o que quer.

ANA - Eu não quero nada, Nicolai Ivanytch. Que quer que eu diga?... Eu vejo muito bem que estão todos contra mim! Eu estou sózinha. Não passo duma pobre mulher fraca e indefesa. Não é difícil assustarem-me. Só Deus me pode defender. Estou ao vosso dispor; façam de mim o que quiserem.

I - É simplesmente abominável! Santo Deus! Pois é possível falar assim? Nós somos cinco, não é verdade?... Cinco contra a Ana Kaourov?... Mas em que é que nós a contrariamos?...

A - Não se incomode mais com elas, Nicolai Ivanytch!

ANA - Como querem que eu lute contra vocês?... Mas Deus lhes dará o castigo, Nicolai Ivanytch! Deus vê tudo, sabe tudo. Cá se fazem e cá se pagam!

I - Ouça; o meu projecto de partilhas não lhe agrada, não é verdade?

A - Responda!

S - Deixem-na. Não vêem que não conseguem nada desta mulher?...

ANA - É verdade. Não me agrada.

I - Bom. Diga-nos então porque é que ele não lhe agrada.

ANA - Não posso dizer.

I - Porquê?

ANA - Não posso.

I - Compreendeu pelo menos o que eu queria?

ANA - Compreendi até demasiado, Nicolai Ivanytch ! Demasiado até!

I - Nesse caso, e pela última vez, diga-nos o que pretende, concretamente. Qual é o projecto que merece a sua aprovação?

ANA - Ah! Não! Perdão! à força podem fazer de mim o que querem: não passo dum pobre mulher. Mas com o meu consentimento: prefiro morrer a dar-lhes a alegria de concordar com as vossas manhas.

A - Ela tem a audácia de afirmar que é uma mulher?... Uma fúria é o que você é! Uma regateira!

I - Aloupkine!

ANA - (AO MESMO TEMPO)- Deus de misericórdia, vê, vê, como ~~mas~~ me insultam?... E não Mandas um raio que os fulmine!? Já não há justiça nem no céu nem na terra!... O que vai ser de mim? O que vai ser de mim?...

S - Calma! Calma!

M - Então, chega, meus senhores! Chega!

A - Tenha cuidado, ouviu creatura?... Um velho militar quando ameaça executa!... Em guarda!... Estou farto desta idiota! ou te calas ou é o fim! Previno-te de que não brinco. Fizeram-te uma proposta: se fores razoável, não se fala mais no caso. Mas se teimas em ser cabeçuda... Em guarda, mulher, em guarda!...

I - Aloupkine, não é caso para...

B - Nicolai Ivanytch, isto diz-me respeito. Senhor Aloupkine faça o favor de me dizer com que direito fala assim à minha irmã?

A - Ah! Agora defende-a?

B - Não é a ela que eu defendo. A Ana, para mim não passa duma formiga
O que eu defendo é o meu nome!

A - E quem é que insultou o seu nome, Sr. Bézpandine?

B - Quem? É espantoso! O senhor gostava que um palerma qualquer...

A - O "Palerma qualquer" sou eu?

B - Sim senhor.

A - Além do mau gosto de trocar insultos, numa casa onde estamos de visita, é também cobardia. Não tem vergonha? Suponha que era em minha casa...

B - (CRESCENDO)- Julga que me mete medo, "cavalheiro"?

A - E eu?... Pensa que me encolho por o senhor crescer mais meia polegada? Repito: Se não fosse estar de visita em casa do respeitável Marechal Nicolai Ivanytch eu dizia alto e bom som a "tal palavrinha" que define lindamente a beleza da sua irmã.

ANA - Meu Deus! Vê, vê como sou ultrajada!... Mas seja feita a Vossa Vontade! Eu aceito tudo! Digam-me senhores, onde devo assinar?...
Eu assinarei o que quiserem

S - Mirvoline, onde está o meu chapéu? Tu não o viste?

I - Espere, juiz Souslov!...Faça o senhor as partilhas. Talvez seja mais bem sucedido do que eu.

ANA - Sim, sim, meu querido amigo Souslov.

S - Bem,.. d'acordo. Mirvoline, alcança-me essa pena...

I - Que vai fazer?

S - É este o plano das propriedades?...

M - É sim, senhor juiz.

S - Muito bem. (RUÍD DE TRAÇO A RISCAR NO PAPEL)- Ora aqui está...
um traço grosso a dividir o mapa... e pronto. Então?...

- B - Francamente, eu não acho que a sua divisão tenha sido muito feliz.
Mas aceito-a, se me der este lote aqui.
- ANA - Eu também aceito, se mo derem.
- A - Se lhe derem o quê?
- ANA - O lote que o meu irmão pede, é evidente!
- M - Para depois ir dizer que a estão a querer prejudicar?
- S - Sabe muito bem que não se pode atribuir o mesmo lote aos dois pretendentes. É necessário que um de vocês se sacrifique um pouco;
Seja generoso contentando-se com o lote pior.
- B - Posso perguntar porque diabo é hoje posta à prova a minha generosidade?...
- S - Mas... a favor da sua irmã!
- B - Ah! Pois! Como ela é muito boa!
- I - A teimosia dos dois principais interessados leva-nos à conclusão de que o seu plano, meu caro Souslov, está longe de ser o ideal.
- S - Não sei porquê, Nicolai. Eu limitei-me a traçar um risco, por assim dizer "grosso modo"
- A - Como 'é que ele traçou o risco?
- M - "Grosso modo"
- A - E o que é isso de "grosso modo"
- M - Sei lá! É alemão.
- I - É preciso que a propriedade seja dividida em duas partes iguais.
- ANA - O que o Nicolai Ivanytch pretende à dar a floresta ao Bézpandine para depois lha comprar por dez mil réis de mel coado. Aqui tem a razão porque ele insiste tanto em dar o lote de floresta ao meu irmão.
- I - Observo-lhe que está a passar das marcas! O seu irmão é porventura alguma criança? E votê própria, não fica com metade dessa

floresta? E se o Bézpandine me quiser vender o bosque, quem é que o vai impedir? Há algum mal nisso?... É que é que isso impede que se faça conscienciosamente as partilhas?... Não lhe deixámos a liberdade de escolha?... Mas eu vou desligar-me completamente, deste assunto. Mirvoline, dá-me daí toda essa papelada.

M - Pronto, Marechal.

S - Mas, Nicolai...

I - Aqui têm os vossos mapas e documentação. Façam as partilhas como lhes apetecer, ou antes, o Juís Souslov que trace nelas os riscos que lhe apetecer.

D - Nicolai Ivanytch, por favor, não me abandone. Desculpe-nos, ou melhor, desculpe a estupidez desta mulher... a culpada de tudo é ela.

I - Não direi nem mais uma palavra. Resolvam, resolvam, à vossa vontade. Estou farto! Farto!

B - É por tua causa, minha parva! Embrulhaste sempre tudo. Mas, de que estás à espera? Que te dê a floresta, as terras e a casa?... Bem podes esperar por essa!

ANA - Ó Meu Deus! Meu Deus! E ninguém me defende?... Não sabem quem é este homem? É capaz de me matar! É um monstro, um assassino! Já tentou envenenar-me várias vezes...

B - Calas-te ou não?...

ANA - Senhor! Senhor! Tende piedade de mim!...

COMISSÁRIO (ENTRANDO)- Nicolai Ivanytch, eu venho da parte de sua Excelência para...

A - Ah! Finalmente cá está ele! É ^a ~~para~~ mim, que o Comissário procura! É por causa do meu bode!

C - O quê? Quem é este homem?

A - Palavra? Não me reconheceu, senhor comissário Rural? Sou o Aloupkin o novo proprietário

C - Deixe-me em paz. O seu bode há-de ir ao tribunal. Pensa que não tenho mais que fazer?

A - O senhor comissário rural ofendeu-me na pessoa do meu criado e do meu bode e não consinto que ninguém me insulte ouviu?...

C - É doido!

I - (AOS GRITO)- Calma! Suplico-lhes, meus senhores, acalmen-se!... Fazem-me perder a cabeça!... Partilhas, bodes, esta mulher que nunca se cala, o proprietário novo que se intromete em tudo, o comissário rural que leva bodes aos tribunais, a floresta que eu quero comprar por uma miséria, o meu almoço que nunca mais é servido... Basta! Basta! Não aguento mais!... Cheguei ao limite das minhas forças! Não posso mais... (SAI)-

S - Nicolai Ivanytch não se vá embora!... Marechal... Ora esta! É o cúmulo! Deixou-nos sós! E agora? que vamos fazer?

ANA - Não faz falta nenhuma. O meu querido juiz Souslov faz as partilhas.

S - Eu? Dessa está bem livre! Por quem me toma?

B - É tudo isto, por tua causa!... Malditas sejam as mulheres. (SAI)

G - (DA PORTA)- O meu amo Nicolai Ivanytch mandou-me informá-los que não recebe mais ninguém, hoje. Acaba de se meter na cama.

C - Nesse caso, nada mais tenho a fazer aqui. (SAI)- Bom-dia a todos.

A - (PERSEGUINDO-O AOS GRITOS)- Havemos de nos encontrar, meu caro comissário... Ouve-me?... Não pense que se fica a rir de mim e do meu bode!... (SAI).

S - Esperem aí, onde vão?... Eu acompanho-os. (SAI)

ANA - Juiz Souslov, não me deixe! E as partilhas?... Faça as partilhas... (SAI)



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Miniteatro "O amor em casa do marçal"* Referência } N.º/R.P.L.
N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas } da gravação *4* de *Outubro* de *1976* às *10,30* horas.
da 1.ª emissão de de *19* Programa

Director artístico *Mário Jacques*

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Henrique Vianna Luís Alberto Maria José Henrique Vianna Joaquim Rosa Vicente Galfo Comissário Rural Gilberto Gonçalves José Raymond Luís Cerqueira	Nicolai Yanuytel Béjzandine Ana Casuro Guiz Soslov Alouphine Mirvoline Pedro Cuheiro Harouchka Guerassime Nicolai Yanuytel	Henrique Vianna Luís Alberto Maria José Henrique Vianna Joaquim Rosa Vicente Galfo Comissário Rural Gilberto Gonçalves José Raymond Luís Cerqueira

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor
Locutor
Captação
Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, *4* de *Outubro* de *1976*